

DEPOIMENTO DE EXPERT POR EXPERIÊNCIA

Reexistindo às vozes dos “eu’s”

Existing and resisting the voices of the “I’s”

Reexistiendo a las voces de los “yo’s”

Lopes, Ivon Fernandes¹; da Silva, Larissa Dall’ Agnol²; Tavares, Diogo Henrique³; Ubessi, Liamara Denise⁴; Silveira, Priscila Borges⁵; Coimbra, Valéria Cristina Christello⁶; Jardim, Vanda Maria da Rosa⁷

Como citar este artigo: Lopes IF, da Silva LD, Tavares DH, Ubessi LD, Silveira PB, Coimbra VCC, et al. Reexistindo às vozes dos “eu’s”. J. nurs. health. 2018;8(n.esp.):e188412

Palavras-chave: Saúde mental; Terapêuticas; Ouvidores de vozes.

APRESENTAÇÃO

Certo dia cada um(a) de nós veio ao mundo. Algumas e alguns de nós ouvimos vozes e outros(as) não. Nas andanças da vida nos encontramos com Ivon Fernandes Lopes ou Ivon Lopes Naval, como ele gosta de ser nominado. Algumas pessoas diriam que foram encontros do acaso. Até pode ser. Outras, que não!

Mas o que isso importa?! Importa é que nos encontramos em momentos que nos foram e são intensos, principalmente nas lutas em defesa da saúde mental calcada na liberdade, na desinstitucionalização, na desconstrução de estigmas e preconceitos na relação com a loucura, e dentre estes, sobre a experiência de ouvir vozes.

E foi assim, e é assim, que aprendemos com Ivon Lopes Naval a partir de sua experiência com as vozes, que iniciam na sua infância, e como o mesmo lidou e lida com as mesmas, a partir de pistas que ele compartilha na narrativa que segue na sua voz:

¹ Acadêmico de Serviço Social. Universidade Católica de Pelotas. E-mail: ivonlopesnaval@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-3182-9113>

² Terapeuta Ocupacional. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: larissadallagnolto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5627-7442>

³ Enfermeiro. Mestre em Ciências. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: enf.diogotavares@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-0961-6421>

⁴ Graduada em Psicologia e Enfermagem. Doutora em Ciências. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: liaubessi@gmail.com <http://orcid.org/0000-0002-5884-9969>

⁵ Educadora Física. Especialista em Saúde Coletiva e Saúde Mental. Prefeitura Municipal de Pelotas. E-mail: prisborges.prof@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-7148-4186>

⁶ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: valeriacoimbra@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5327-0141>

⁷ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: vandamrjardim@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-8320-4321>

Ivon Lopes Naval por ele mesmo:

Sou acadêmico de Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Militante da Luta Antimanicomial, presidente da Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas (AUMSSPE), integro o Coletivo Povaréu Sul, a Diretoria da Rádiocom/Pelotas, Conselho Municipal de Saúde de Pelotas, membro da Comissão Municipal de Saúde Mental, do Conselho Gestor Regional e Municipal de Saúde Mental e também integrante do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas.

Na infância um zumbido: frequência do rádio?

Assim, antigamente eu era pequeno, eu mirava numa parte da casa e aquela coisa que eu olhava ia aumentando, assim, o tamanho, eu escutava um zumbido no ouvido, como se fosse um pessoa no rádio, duas rádios na mesma faixa, eu ficava atrapalhado com aquilo ali, achava que era coisa da minha cabeça e eu falava para minha mãe e ela falava que não era nada demais, que era coisa da minha cabeça e foi se passando, mas depois aumentava.

Então, para dormir eu tinha que apagar a luz toda para não olhar para nada, porque eu olhava, tipo assim, olhava como se fosse um mosquito, uma mosca que ia aumentando, aumentando, aumentando dava um zumbido no ouvido e aquela dor de cabeça e eu escutava duas rádios ao mesmo tempo ligada, sem ter rádio ligada, não sabia o que era. Eu ficava bem nervoso, mas ficava com vergonha, nunca falava nada para ninguém, sempre escondia e guardei as sete chaves isso aí.

Na marinha, que eu estava no Rio de Janeiro a coisa foi mais intensa, não sei se por causa dos conflitos de militares, aquela coisa toda, aí eu escutava bastante coisa na minha cabeça, eu ficava bem nervoso, até eu tive internado lá, por causa dessas coisas.

A (ex)periência de (re)existir: sobre o viver com as vozes

É um zumbido que vem no ouvido. Outro dia eu estava no elevador de um prédio e parecia que tinha gente dentro do elevador e eu estava sozinho. Podia ser impressão minha que tinha alguém nos andares, mas não era, eu escutava direitinho aquelas vozes.

Eu ia para o quinto andar e não sei porque eu desci no quarto andar. Eu subi de escada, não sei se eu fiquei nervoso, não queria ir até o quinto, achando que tinha gente no elevador andando comigo ou alguma voz... Deu uma voz de comando dizendo para eu descer no quarto, eu fiquei bem nervoso com aquilo

ali, uma situação bem difícil e eu estou falando agora isso aí e de vez em quando acontece, mas bem raro, eu sei me controlar também.

Uma vez eu também andando na rua, e as pessoas [vozes] falavam assim: “dobra para direita”, andava com o braço encostado na parede, eu queria vir para esquerda e pensava, não! Vou parar com isso e saia andando. Então, é bem perturbador mesmo, mas tento assim, driblar isso, porque é um conflito.

Assim olha, as vozes bem confusas, mas dizendo assim, por exemplo, quando eu estou na rua, já aconteceu várias vezes, tenho que dobrar à esquerda, sabendo que tenho que dobrar ali. Eu vou em determinado lugar e a voz diz: “não, entra aqui!” e eu vou e vou naquelas furadas. Depois eu tenho que voltar a quadra e andar tudo de novo o que eu andei. Mas, às vezes eu digo assim: “agora eu vou por aqui, agora eu vou pela direita”, fazer ao contrário, tentando controlar, mas se tiver que fazer não tem problema também.

Na minha opinião assim, a gente não é o único também, não sou só eu com os meus pensamentos porque não pode ter outra pessoa dentro de mim que pensa também? Eu não sei se é isso, mas tem que saber sobreviver sobre essas duas coisas. Saber o que é certo e o que é errado, muitas vezes até o real não é real, a gente acha que é o real, e não é, então é bem conflituoso isso aí.

O tabu sobre a loucura e espiritualidade: (re)existir, internar não!

É bem complicado, porque a gente fica bem assim, atormentado, uma coisa que a gente nem fala, não fica falando para ninguém, mas uma coisa bem complicada que perturba a gente mesmo. Mas como eu já tenho 63 anos, bastante experiência, eu estudei muito também sobre isso aí e agora que tão aparecendo essas coisas, antes não tinha.

Era um tabu se agente falasse que escuta vozes, era coisa de espiritismo, que nem os meus parentes falavam que é coisa de espiritismo, ou então que eu estava louco mesmo, que tinha que internar, eu acabava não falando para ninguém essas coisas, mas é bem complicado isso aí, da gente.

O grupo enquanto possibilidade de (co)existir

Eu penso que é uma coisa que está atormentando a pessoa também, por isso é bom esses grupos que estão surgindo aí, de ouvidores de vozes. No ano passado ou retrasado, a gente foi convidado para ir a Porto Alegre, no evento de ouvidores de vozes, eu fiquei meio assim de ir, mas depois que eu vi que tinham pessoas que nem agente assim, pô foi legal! O pessoal se abrindo e falando, eu gostei! É assim, o grupo se une para se ajudar. Eu acho bom, mas, sempre tem que ser mais divulgado, mas tipo assim, tem lugares que tu vais falar isso aí, e é coisa de louco. Ainda mais a gente que já internou? imagina.

Recado aos leitores

Queria deixar a mensagem, que a gente que ouve vozes, tem que saber lidar com isso, que é mesmo uma coisa que perturba, mas tem que saber lidar com isso e que é assim mesmo, que não vai poder modificar, mas tentar fazer o que acha que é legal. Olha, eu não sei, cada um tem uma forma de agir, tem pessoas que dizem que há voz de comando para matar, eu nunca vi isso aí, na minha vida não!

Então só essas coisas assim, de ir para um lugar e ir para outro, ficar nervoso com essas vozes, mas acho que dá para levar. Eu acho que se eu tomar medicação para esse tipo de coisa, ficar dopado, isso não resolve nada! Tem que enfrentar isso aí, não adianta ficar só com medicação, uma hora a pessoa vai ficar doente por conta da medicação também.

Então no futuro...

Quanto mais aparecer gente interessada [na temática ouvintes de vozes], quem sabe até no futuro, isso aí seja uma disciplina dentro de uma universidade, ouvintes de vozes.

Data de publicação: 19/09/2018